

DO “DIALÉTICO PRIMEVO” À TEORIA CRÍTICA COMO “LEGÍTIMA DEFESA”: ENTREVISTA COM CHRISTOPH TÜRCKE*

Flademir Roberto Williges¹
Paulo Denisar Fraga²

Resumo

A entrevista resgata, em conexão a outros trabalhos, a discussão das obras de Christoph Türcke traduzidas e publicadas no Brasil. Por um peculiar fio teológico, em seu curso interconectam-se os mundos arcaico e *high-tech* e os temas da democracia e da educação. Sob o diagnóstico de um processo social de desagregação do aparelho sensorial humano, a Teoria Crítica é apresentada como legítima defesa com a tarefa de abrir-se às coisas que se impõem.

Palavras-chave: Teoria Crítica. Capitalismo *high tech*. Compulsão à repetição. Estudo de ritual.

FROM THE “PRIMEVAL DIALECTIC” TO CRITICAL THEORY AS A “LEGITIMATE DEFENSE”: INTERVIEW WITH CHRISTOPH TÜRCKE

Abstract

The interview rescues, in connection with other works, the discussion of Christoph Türcke's works translated and published in Brazil. Through a peculiar theological thread, it interconnects the archaic and high-tech worlds and the themes of democracy and education. Under the diagnosis of a social process of disintegration of the human sensorial apparatus, Critical Theory is presented as a legitimate defense with the task of opening up to the things that impose themselves.

Keywords: Critical Theory. High tech capitalism. Compulsion to repeat. Ritual study.

Apresentação

Christoph Türcke³ é um dos mais importantes filósofos alemães contemporâneos em atividade. Herdeiro da primeira geração da “Escola de Frankfurt” ou, mais

* Entrevista concedida em Poços de Caldas/MG, durante o “Simpósio Internacional de Filosofia, Comunicação e Subjetividade: luso-brasileiro-alemão (Lubral)”, realizado em 2016 na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e na Universidade Federal de Alfenas. Revisada, posteriormente, com o autor, em Porto Alegre/RS, durante o “I Congresso Internacional Theodor W. Adorno: a atualidade da crítica”, realizado em 2017 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Este texto teve uma edição em Portugal. In: BARATA, André et alii. (Orgs.). **Filosofia, comunicação e subjetividade**: v. 2 - pensamento crítico, psicologia e educação. Covilhã: Labcom.IFP, 2018, p. 123-147. Sua reedição no Brasil é importante por resgatar, em conexão a outros trabalhos, as obras do autor traduzidas e publicadas neste país.

¹ Professor de Filosofia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre. Mestre e doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: flademir.williges@poa.ifrs.edu.br. <http://orcid.org/0000-0001-9053-0440>

² Professor de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas. Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista SWE do CNPq-Brasil e do DAAD com estágio na Humboldt-Universität zu Berlin (2018-2019). E-mail: paulodenisar@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3339-9578>

³ Christoph Türcke tem formação superior em Teologia e Filosofia. É professor emérito da Escola Superior de Artes Gráficas e Livreiras de Leipzig - Academia de Belas Artes (Hochschule für Grafik und Buchkunst

apropriadamente, Teoria Crítica, Türrcke se fez notar aos públicos brasileiro e de língua portuguesa a partir de diversos artigos, entrevistas e de quatro importantes livros publicados no Brasil.

No campo de forças da permanente revolução da moderna sociedade capitalista – uma sociedade inquieta, “excitada”, como ele a refere –, a própria Filosofia, se quiser ser crítica e conseqüente, necessita das luzes da Psicanálise, da Neurofisiologia, da Teoria Social, da História e, como Türrcke costuma frisar, da Teologia. Sua obra perpassa de modo relacionante todos esses campos, lembrando uma das caracterizações com as quais Horkheimer distinguiu a Teoria Crítica: o “materialismo interdisciplinar”.

Num esforço de atualização da Teoria Crítica, o caminho percorrido por Türrcke mapeia antigas estrelas conceituais e opera no sentido de oferecer novas luzes sobre pontos de obscuridade da aparente constelação atual. Entrementes, ao buscar uma “reorientação” dentro da “nova situação mundial”, o alegado “beco sem saída”, pelo qual importantes autores relegaram como superadas formulações de fundo dos mestres da primeira geração da Teoria Crítica, encontra um claro desmentido crítico na fecunda produção teórica de Türrcke.

Aprofundando de forma original, no capitalismo *high-tech*, um tema clássico da Teoria Crítica, a relação entre mito e esclarecimento, Türrcke analisa as vísceras do Ocidente através de uma abordagem materialista cujo método genealógico recoloca a tradição cultural humana em perspectiva desde seu contexto de origem: a pré-história. Através de um procedimento autorreflexivo imanente, ele lê a história da formação da cultura como uma série de condensações, deslocamentos e inversões do trauma primitivo causado pelo susto ou choque imposto pela natureza frente à precariedade de meios humanos iniciais à sua elaboração. Essa fornalha encontrou um primeiro catalisador: os rituais de sacrifício. O susto é um acontecimento físico. Mas Türrcke o entrevê como epifania, porque ele foi tomado como manifestação divina. Por isso pode ser considerado como o início da cultura, pois ao ser recebido como uma expressão divina ocorre uma inversão dramática fundadora e decisiva: o mais assustador é transformado em salvador.

Leipzig - Academy of Fine Arts) e docente também na Universidade de Leipzig. Em 2009 recebeu o “Prêmio de Cultura Sigmund Freud” (“Sigmund-Freud-Kulturpreis”) conferido conjuntamente pelas duas principais associações psicanalíticas alemãs. No Brasil foi professor visitante na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: ctuercke@hgb-leipzig.de.

Isso ilustra uma acirrada dialética que TÜRCKE trama em suas obras ao jogar os conteúdos do pensamento uns contra os outros impelindo o leitor a tecer considerações sobre o que a história exclui ou recalca do corpo do pensamento ao atacá-lo de diversas maneiras, especialmente hoje, pela prepotência das tecnologias maquínicas audiovisuais, enredando a humanidade numa nova mitologia. O aparato sensorial foi reestruturado pela compulsão microeletrônica à emissão. Por isso, o autor propõe uma “legítima defesa” cotidiana contra o excesso de estímulos e a transformação dos choques audiovisuais em reflexão.

Para fazer justiça aos diferentes temas sobre os quais se debruça, um dos pontos de destaque de sua obra é a produção de um conhecimento que não se separa da vida, da existência concreta dos sujeitos sociais contemporâneos. Isso pressupõe considerar que a teoria é um momento da práxis social que aponta para o que ela mesma não consegue dizer de todo. O que ela tenta renitentemente articular, o que a move, é o desejo de dizer o que não se deixa dizer, ou seja, apresentar modelos negativo-projetivos de uma utopia.

“Vivemos um declínio, sim. Mas mesmo o declínio tem sua dialética”, afirma TÜRCKE confiando no poder crítico da negatividade, impedindo que se sucumba à percepção do momento e indicando a possibilidade de novas auroras, ainda desconhecidas. Diagnosticando um processo social de desagregação do aparelho sensorial humano e de “tédio da democracia”, TÜRCKE põe em relevo que a Teoria Crítica não tem escolha livre. A sua tarefa é “abrir-se às coisas que se impõem”, se ela quiser ocupar com consequência, hoje, o seu lugar no movimento de “legítima defesa” que caracteriza a própria negação dialética.

Parte I

Questão: *Hiperativos*⁴, recém-publicado, é o seu quarto livro traduzido no Brasil, depois de *O louco*⁵, *Sociedade excitada*⁶ e *Filosofia do sonho*⁷. O senhor poderia traçar uma breve conexão temática entre eles, para dar uma pista a seus leitores brasileiros sobre a articulação interna que expressam e o lugar que ocupam no percurso do seu pensamento até aqui?

⁴ TÜRCKE, Christoph. **Hiperativos!** Abaixo a cultura do déficit de atenção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

⁵ Idem. **O louco:** Nietzsche e a mania da razão. Petrópolis: Vozes, 1993.

⁶ Idem. **Sociedade excitada:** filosofia da sensação. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

⁷ Idem. **Filosofia do sonho.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

Türcke: Acho que há um fio condutor que vincula esses quatro livros aqui mencionados, que é o fio teológico. Meu primeiro toque com Nietzsche se deu justamente por aquele aforismo, “O louco”, na *Gaia ciência*. Descobri-o como citação numa obra de um dos meus mestres durante meus estudos de teologia luterana. Teologia luterana é a única coisa que estudei academicamente a partir do início. A filosofia se abriu como saída de emergência, quando os teólogos não me deixaram passar no doutorado de teologia. Bom, aquele aforismo se destacou gritantemente de seu contexto, que foi um livro meio pálido e bem luterano. Percebi: aqui se encontra algo que me capta, que me excita, embora naquela época eu estivesse longe de entender do que se tratava. Mas esse primeiro contato com Nietzsche – de certa maneira um choque – me fez desenvolver, muito mais tarde, a ideia de abrir Nietzsche inteiro a partir desse aforismo, que trata da morte de Deus, de um assassinato, um crime que a humanidade cometia sem suportar as consequências. E esse motivo básico persegue todas as minhas obras doravante elaboradas. Ele não está ausente na *Sociedade excitada* que trata, ao nível da alta tecnologia, de um fenômeno bem arcaico que pode ser chamado de epifania.

Questão: Manifestação?

Türcke: Digamos assim: epifania é a primeira manifestação do choque. O choque enquanto tal é um acontecimento físico que fere um sistema nervoso. Entretanto, tratar o choque como epifania é interpretá-lo como manifestação divina. E esta interpretação muda tudo. O mais assustador é considerado então o salvador. Esta inversão iniciou a cultura. E até hoje vale: onde há choque, há também atenção, dedicação, respeito máximo. Em outras palavras, há tudo que já as divindades mais arcaicas pareciam vindicar dos homínídeos, tudo que o culto de sacrifício pretendia lhes fornecer. Assim, ao longo da história humana, o choque nunca perdeu totalmente a aura do “sacro”. Até hoje. Atualmente estamos submetidos a uma metralhadora de sensações audiovisuais que está inflando o choque arcaico a uma multidão de bilhões de choques miúdos, nos quais sua história primitiva e “sagrada” se esconde e, ao mesmo tempo, se multiplica. Eis o pensamento básico da *Sociedade excitada*, que se dedica à permanência do “sacro” arcaico nos aparelhos e acontecimentos da alta tecnologia. Assim, o livro trata, de modo exemplar, de uma constelação que se chama o *toque dos extremos*. Nesse caso, os extremos são o paleolítico e a alta tecnologia. Tal como o livro *O louco* enfrentou a morte de Deus que a humanidade não suporta, a *Sociedade excitada* enfrenta os assuntos do sagrado e da teologia que são

obsoletos, mas continuam irresolvidos. A humanidade não consegue se livrar deles nem restaurar o antigo domínio da teologia. Não há um caminho para trás. A antiga crença está abalada. O fundamentalismo é o testemunho mais instrutivo disso. Seu fanatismo deve-se justamente à experiência do abalo. Ele se agarra a um fundamento cuja insustentabilidade ele sente muito bem. O fundamentalismo contém uma descrença latente, mas não para sonhar com um passado melhor no qual a teologia resolveu tudo.

Vê-se, então, o fio condutor entre livros tão diferentes como *O louco* e *Sociedade excitada*. Quando elaborei a *Sociedade excitada* considerei-o o resumo de uma década – dos anos 1990 – com todas as transformações, até revoluções que vimos em torno da queda do socialismo soviético, queda do muro de Berlim etc. Me senti obrigado a enfrentar esta nova paisagem política global com os meios da Teoria Crítica que aprendi. A tarefa foi conseguir uma “reorientação” diante dessa “nova situação mundial”, na qual a microeletrônica veio vencendo totalmente, ao passo que o socialismo chamado real caiu. Na verdade, ele nunca foi “real”. Se fosse, esse adjetivo não teria sido necessário. É um adjetivo da compensação e descrença.

A grande surpresa para mim mesmo ao escrever a *Sociedade excitada* foi a seguinte: quis fazer um resumo que inesperadamente se evidenciou um esboço. Todas as monografias posteriores são variações desse tema. Variações a partir de assuntos bem diferentes que se impuseram por certas atualidades. Por exemplo: o que significa “escrita” na época *high-tech*, como ela se transforma? Assim surgiu *Do signo de Caim ao código genético: Teoria Crítica da escrita*⁸. Aí desenvolvi a origem da escrita, a partir da lógica do sacrifício que é a lógica da compulsão à repetição traumática. A história bíblica do signo de Caim me deu a chave para a gênese da escrita. Nas línguas antigas o significado literal de “escrever” é “incisar”. A escrita é uma incisão, originalmente no corpo humano, um “signo” que o fere, mas, ao mesmo tempo, pretende proteger a pessoa. Deus faz esse signo em Caim para ninguém o matar. Mas para que Caim precisa desse signo? Abel, seu irmão, foi assassinado por ele. Sobraram ele mesmo e seus pais, Adão e Eva, que não precisam um signo para reconhecerem e pouparem seu filho. A incisão não faz sentido no contexto da história do assassinato do irmão. Ela aponta para uma camada mais profunda da história, que é o sacrifício humano. A saber: enquanto autoferimento corporal, aplicado por um clã que

⁸ Idem. **Vom Kainszeichen zum genetischen Code: Kritische Theorie der Schrift.** München: C. H. Beck, 2005.

pretende se proteger por este ato contra o próprio sacrifício humano que está realizando, o signo ganha sentido. Revela-se seu contexto original, no qual a comunidade de sacrifício participa da morte do sacrificado fisicamente pela incisão de um signo no próprio corpo de cada um. Este signo reúne a comunidade e representa, simbolicamente, o que eles de fato estão cometendo ao corpo do sacrificado: a imolação. Eis a origem da escrita.

Questão: Nesse sentido, o senhor entenderia o sinal de Caim como um substitutivo e, ao mesmo tempo, a história da cultura humana como uma história da formação de substitutivos que tentariam amenizar ou até recalcar esse sacrifício primitivo? É uma leitura correta?

Türcke: Perfeitamente correta.

Questão: Retomando a questão sobre o “toque dos extremos”: como é que ele se atualizaria? Como entender o “toque dos extremos”?

Türcke: Pelo fato de que o estado arcaico da humanidade não foi ultrapassado totalmente. De certa maneira vivemos uma reviravolta deste estado ao nível *high-tech*. Por exemplo: aquela inflação e multiplicação de choques, que a maquinaria da sensação está produzindo diariamente, leva a consciência humana, de certa maneira, de volta para o ponto da sua origem, onde, em tempos remotos, surgiu a atenção humana. O específico desta atenção é a capacidade de permanecer em alguma coisa, fitar alguma coisa, imergir em alguma coisa. Esta capacidade, que é uma das conquistas mais preciosas da humanidade, se formou ao longo de milênios durante o paleolítico. Não pertence à estrutura genética. É um resultado cultural. Agora vivemos o fato interessante de que essa grande conquista está novamente à disposição. Ela está vitalmente ameaçada pelas conquistas mais avançadas da tecnologia. E nesse sentido o arcaico e o *high-tech* se tocam.

Questão: Aproveitando essa questão introdutória, para o melhor alcance e compreensão de sua obra, que livro seu o senhor acharia importante ser proximoamente traduzido no Brasil?

Türcke: O mais importante para mim seria *Mais! Filosofia do dinheiro*⁹, porque é uma tentativa de oferecer algo que a Teoria Crítica até hoje não realizou. Os estudos econômicos do Friedrich Pollock tentaram resolver certos problemas da teoria marxiana, mas não chegaram ao ponto nevrálgico do dinheiro. A teoria de Alfred Sohn-Rethel tratou, sim, o próprio dinheiro, até em termos históricos ou genealógicos, mas carece de um fundo

⁹ Idem. **Mehr!** Philosophie des Geldes. München: C. H. Beck, 2015.

sério. Aliás, o entusiasmo exagerado que Adorno teve para com as supostas descobertas dessa teoria nunca foi compartilhado por Horkheimer. Horkheimer disse francamente: esse tipo de derivação do dinheiro de maneira marxista escolar não serve, não vai explicar nada. Concordo com ele, só que Horkheimer se contentou em apenas observar isso. Ninguém do seu instituto elaborou alguma coisa de sustentável a respeito. Ao entrar no assunto, não fiz senão apresentar uma variação específica da minha teoria da origem da humanidade a partir do sacrifício humano. A *Filosofia do dinheiro* interpreta o sacrifício humano enquanto o primeiro meio de pagamento. Onde se começa a pagar começa o dinheiro. O sacrifício mostra o sentido original de pagamento. O pagamento é, igual à escrita, uma tentativa de se proteger, um ato de legítima defesa, e não tem sua origem num mercado profano onde se troca isso com aquilo, sei lá, como uma quantia de vinho por uma porção de carne.

Questão: Aí, professor, teríamos toda uma questão que envolve o problema da equivalência, de como ela se formou?

Türcke: Sim.

Questão: Toda teoria que remonta às origens comporta elementos míticos. Freud o declarou abertamente quanto ao seu mito do assassinato de um suposto pai primevo, acontecimento que segundo ele teria dado origem à cultura. A partir da leitura de seu livro *Filosofia do sonho*, o que protegeria a sua tematização da “compulsão à repetição traumática” como chave da cultura de ser considerada como mais um mito de origem?

Türcke: É uma pergunta muito importante. É claro que eu não chamaria a minha versão da origem de um mito, de uma mera narrativa sem pretensão de verdade. Confesso que a versão freudiana da origem me parece uma lenda, todavia com um núcleo verdadeiro. O núcleo é que a origem da cultura é inseparável do homicídio. Só que Freud não chegou a juntar homicídio e sacrifício, embora dispusesse de conhecimentos profundos sobre sacrifícios e rituais, como mostrou em *Totem e tabu*. Mas ele evitou vincular o assassinato do pai com o sacrifício humano, porque queria (risos...) manter sua versão da origem da cultura a partir da inveja sexual. Considero essa versão uma lenda, porque os impulsos sexuais só ganharam sua dimensão emocional especificamente humana ao se transformarem em elementos da cultura. Ao serem integrados ao culto, eles se carregaram de significado. O que tem significado, tem importância, tem que ser preservado, atrai carinho, causa inveja. Antes, no estado natural, a sexualidade não passou muito da descarga hormonal. O desconforto que a carência dessa descarga causa não tem, no estado natural, a intensidade

da experiência traumática. Não se entende, a partir dele, porque hominídeos se submeteram ao imenso trabalho de formar um culto – uma cultura. Para impeli-los a um tal trabalho se precisava uma dose mais forte: choques realmente traumáticos. Só mais tarde, em um nível cultural já bem desenvolvido, a carência sexual pôde se carregar com tanta profundidade emocional que as pessoas morreram disso ou resolveram matar os seus rivais. Dá para entender? Está amplamente elaborado na *Filosofia do sonho*.

Questão: O senhor quer dizer que o não exercício da sexualidade, a contenção – no caso, o pai proibindo os filhos de terem acesso às mulheres –, não explica a origem da cultura?

Türcke: Não pode, porque o grau de traumatização, que impeliu os hominídeos à cultura, ainda não estava contido na carência sexual. Havia, sim, bastante traumatização, mas não em termos sexuais. É uma retroprojeção de um estado humano onde isso é vivido como alguma coisa traumática, privação traumática, etc. Mas isso é uma coisa que não explica a gênese da cultura.

Questão: Os animais podem sofrer traumas, mas não se trata de um trauma como o da passagem à hominização?

Türcke: Não digo que os outros animais só sofreram traumas menores. Mas, de fato, nenhuma espécie fora do *Homo sapiens* conseguiu inverter a experiência traumática num estado de cultura. As outras não descobriram aquela saída de emergência, aquela fuga para frente, que chamamos, na retrospectiva, de cultura. Confesso, porém, que não estive presente à origem da cultura. Nunca participei de sacrifícios paleolíticos (risos...). Ninguém de nós estava lá. Muito claro isso. Tanto que se pergunta: “como se pode verificar isso?” Só de modo negativo. Ninguém sabe os detalhes nos quais o sacrifício humano se realizou. Mas seu papel constitutivo no processo da humanização é inegável. Sempre que os arqueólogos ou antropólogos se deparam com restos de comunidades arcaicas, eles se deparam com traços do sacrifício. Não há humanidade sem traços de sacrifício.

Questão: Não existiriam comunidades humanas sem tabu, então?

Türcke: Tabu e sacrifício não são a mesma coisa. Por enquanto só estou tratando com os traços de sacrifício, e não me parece ousado concluir que o sacrifício é constitutivo para a humanização. É uma conclusão, sim, mas uma conclusão que sintetiza resultados da pesquisa atual arqueológica e paleontológica através de um argumento kantiano. Como se sabe, Kant falou da condição de possibilidade de alguma coisa. No caso dele se tratava do

conhecimento humano, que tem, enquanto condição de possibilidade, uma estrutura transcendental. Eu não ando nos trilhos transcendentais. Transformo, antes, o argumento kantiano em um argumento da gênese histórica, dizendo que não há possibilidade de entender o sacrifício primevo senão a partir da lógica da compulsão à repetição traumática.

Questão: O senhor parte, então, do condicionado que é o sacrifício e remonta às suas condições? Qual a necessidade do sacrifício?

Türcke: Vamos tentar uma reconstrução. Concedo que ninguém vai descobrir todos os detalhes, talvez nem o momento exato em que o mero reflexo da compulsão à repetição traumática se transformou em uma estrutura social. O crucial desta transformação é a invenção de um destinatário para esse reflexo. A imaginação de um tal destinatário já é uma forma inicial, embora muito fraca, de escapar do padecer dessa repetição compulsiva. Foi aquela saída de emergência que levou a humanidade a um estado mental. A esfera mental se abriu enquanto abrigo, enquanto espaço interior de seres que estavam perseguidos por seus próprios traumas. Forjar imagens: esta capacidade deu ao reflexo compulsório da repetição um destinatário fictício e transformou o reflexo numa ação intencional, numa dedicação a um ser superior, ou seja, divino. Assim, os reflexos cruéis contra certos membros da própria tribo, que antes tinham decorrido da compulsão à repetição bruta, se transformaram em dedicações e imolações para uma divindade, ou seja, converteram-se em sacrifícios. Sacrifícios reclamam um fim e sentido superiores, que fazem suportar melhor a violência da natureza.

Questão: Neste sentido, então, o senhor entende que esta explicação protegeria sua teoria de ser considerada como um mito?

Türcke: Espero que sim. Claro que apresento uma narrativa que trabalha com conclusões, mas com conclusões que considero inevitáveis. A narrativa não pode ser trocada à toa por uma outra. Pretendo fornecer uma narrativa constitutiva. E aí gostaria de acrescentar mais alguma coisa. Uma outra crítica ao meu procedimento tem o seguinte teor: “enquanto Adorno e Horkheimer se despediram da filosofia da origem, Türcke está retrocedendo a ela. Ele pratica uma versão da antiga *prima filosofia* que parte de primeiros princípios”. Isso é um grande malentendido. A compulsão à repetição traumática não é um princípio. De nenhuma maneira. É legítima defesa, é reação ao poder e à violência da natureza, e não algo do qual decorre a história da humanidade de forma dedutiva. A compulsão à repetição tem o impulso de terminar um belo dia. Ela não é uma entidade da

qual se derivam coisas como se derivou outrora a realidade empírica a partir de ideias, a partir de Deus ou de um ser fundamental. É justamente o contrário. Até posso acrescentar que às vezes chamo a compulsão à repetição de “dialético primevo”. Veja bem a sua estrutura. Ela repete. Repetir é afirmar. Por outro lado, ela repete para ultrapassar o repetido e, neste sentido, ela o nega. Mais ainda: ela afirma e nega ao mesmo tempo, pelo mesmo movimento repetitivo. Aí se encontra, na própria compulsão à repetição, a estrutura básica daquela “identidade da identidade e não identidade”, que Hegel chama de dialética. Só que Hegel a fetichizou, considerando-a uma coisa em si, o motor e o fim último do mundo, ou seja, Deus. Na verdade, ela é o oposto: uma expressão da carência, não da autossuficiência. Ela surgiu pelo sofrimento, à busca de uma saída. Seu desejo é escapar de si mesma e parar. Em outras palavras, dialética é legítima defesa. A compulsão à repetição evidencia isso com mais clareza do que todas as teorias da dialética, inclusive a adorniana. O “dialético primevo” mostra que a dialética materialista não é uma invenção de Marx e Engels. Foi, pelo contrário, a mais antiga. Ela já era o motor da humanização. Começou como movimento físico, como prática. Dialética teórica e teorias dialéticas só seguiram na época da alta cultura.

Questão: Para concluir essa questão, o senhor vê a origem da cultura como contingente, mas dada certa escolha forçada ela passa a se tornar uma estrutura necessária e o senhor busca, então, remontar as condições que deram na possibilidade deste resultado que não foi intencionado. Se buscava outra coisa...

Türcke: Isto. A cultura nunca foi intencionada. A cultura surgiu pela tentativa de escapar do terror. É um resultado involuntário. Em vez de escapar, os hominídeos chegaram a um estado que se chama, retrospectivamente, “cultura”. Mas eles nunca o pretenderam. Cultura é algo de totalmente alheio aos hominídeos. Salvação não.

Questão: Em *O louco: Nietzsche e a mania da razão*, o senhor desenvolve a crítica nietzschiana à lógica e à ciência. Uma crítica à lógica da identidade encontra-se também na *Dialética negativa* de Adorno, obra da qual o seu pensamento também se alimenta. O senhor vê como necessária a continuidade dessa crítica hoje? E como ela pode ser relacionada com a revolução microeletrônica ao passo que esta impôs uma nova forma de vida social?

Türcke: É muita coisa! Claro que a crítica da lógica da identidade continua urgente. Mais urgente do que nunca, porque a vitória da alta tecnologia reduz cada vez mais o pensamento a identificar e subsumir coisas. É interessante que alguns termos da Teoria

Crítica encontram sua atualidade plena só algumas décadas depois. A “razão instrumental”, por exemplo, que Horkheimer criticou, se tornou muito mais dominante na época da revolução microeletrônica, ao passo que ninguém mais usa esse termo. Mesma coisa com a “sociedade unidimensional” de Marcuse. Hoje em dia temos uma sociedade unidimensional de um alcance que Marcuse ainda não tinha vivido. É uma certa atualidade póstuma que encontramos nestes dois termos. De certa maneira, a Teoria Crítica inteira leva uma vida póstuma hoje em dia. Quanto a Nietzsche, apropriei-o a partir da *Dialética do esclarecimento*. O livro *O louco* não acrescenta muita coisa nova à Teoria Crítica ao nível de Adorno. A intenção básica era mostrar o grau de proximidade do pensamento nietzschiano com a Teoria Crítica e não deixá-lo para a direita.

Questão: Um excelente livro. Eu acho que ao ler o senhor escrevendo sobre Nietzsche percebemos esse detalhe.

Türcke: Mas a originalidade do texto está limitada. De certa maneira ele não passa da literatura secundária. Isso é um pouco diferente da *Sociedade excitada* e dos livros seguintes que enfrentam, de antemão, problemas ao invés de autores. Mas até aí vale: originalidade sempre se nutre de outros autores e nunca leva a criações totalmente novas. No fundo, ela não passa de um excedente mínimo. Não adianta olhar para a originalidade. Ela entra ou fica fora. Não se pode coagi-la. Importante é abrir-se às coisas que se impõem. Ao fazer isso, ao buscar as palavras mais adequadas para as coisas mais ameaçadoras, a Teoria Crítica talvez pratique sua própria maneira de legítima defesa.

Questão: Um jornalista lhe perguntou se sua teoria não é intelectualista demais. O senhor gostaria de traçar esta relação que existe, então, entre o sensualismo sensacionalista da mídia e a razão, essa racionalidade tecnocientífica, que não é uma coisa clara hoje para nós. Por exemplo, estamos na sociedade da sensação, parece que então não haveria por trás um projeto racional. A sensação não caiu do céu, como o senhor fala sempre. Na verdade, parece que há um uso abusivo desse sensível, que é pensado, calculado...

Türcke: Sim. O problema é que os meios de comunicação ganham cada vez mais a aparência de uma coisa em si, falando de modo kantiano. Como diz McLuhan, “*the medium is the message*” (“o meio é a mensagem”). Se fosse uma observação crítica, dizendo que a mídia tem a tendência de se autonomizar cada vez mais e de degradar os conteúdos para meros apêndices, seria uma colocação muito boa, mas ele argumenta de modo ontológico: o meio é a mensagem. E pronto. Falado assim, a famosa colocação é chata e

falsa. Meios, instrumentos, canais, nunca são fins em si mesmos. A perversão é considerá-los enquanto tais. Já como meros meios eles ajudam bastante. Como o carro facilita o movimento, o computador facilita a comunicação e a administração. A vida se tornou impensável sem ele. O problema é a confusão de meios com fins. A colocação de McLuhan fomenta esta confusão drasticamente.

Parte II

Questão: Podemos afirmar que os investimentos na “estética da mercadoria” manifestam na “sociedade excitada” um deslocamento significativo em relação aos conteúdos morais que regiam os processos de socialização e individuação. Há um certo desmentido fetichista em relação aos valores que regulavam anteriormente as relações sociais e interpessoais, uma rejeição cínica e cretina de boa parte dos impedimentos à consecução imediata do prazer e uma objetiva ocultação do sofrimento, evitando com isso a angústia e a necessária paciência para manter e cultivar relações em formas mais demoradas e duradouras. Estes impedimentos são sonogados pelos clichês ditados por imagens superficiais de vida fácil e pela ideia de que a felicidade vem casada com a compra da mercadoria. No atual momento, as restrições à imediata consecução da felicidade, tais como o sentimento de tristeza – cujo diagnóstico se confunde muitas vezes com depressão –, são tratadas de forma medicamentosa. Em seu modo de ver, como seria possível “frear” essa busca compulsiva por ter de se estar ou apresentar sempre feliz? Por outro lado, o senhor constata um entrelaçamento inexorável entre tempo de trabalho e tempo de lazer. Acredita que as novas gerações possam ser educadas à ascese – não apenas em relação ao trabalho, mas também quanto à busca da satisfação em geral? O senhor não suspeita que as tantas exposições intelectuais que põem abaixo o poder das imagens sofram de uma certa ineficácia em sua ação crítica, dado o poder de proliferação das imagens pela superprodução da imaginaria técnica?

Türcke: É muita coisa. Bom... Primeiro ponto talvez: a fraqueza da crítica. De certa maneira, Teoria Crítica não tem escolha livre. Seus tópicos se impõem a ela. Trata-se dos assuntos mais urgentes e significativos da época que muitas vezes não são as atualidades mais faladas na esfera pública. A Teoria Crítica intervém a fim de desfazer ou, ao menos, diminuir a força dos objetos criticados. Mas ela não calcula em termos de sucesso. Ela vale

mesmo que ninguém vá percebê-la ou levá-la em conta. Ela pretende o sucesso, mas ela não depende dele. Livros, artigos e entrevistas críticos são insuficientes para uma reviravolta profunda, mas, ainda assim, indispensáveis. Neste sentido, a Teoria Crítica atua como legítima defesa.

Outro ponto: eu concordo plenamente com o diagnóstico de uma tendência cínica e cretina que sugere um novo otimismo, uma nova felicidade que viria à satisfação imediata de todos os desejos pelos novos meios técnicos. Tal otimismo só vai fazer desaprender paciência, empatia, imersão mental etc. Mas só concordo enquanto isso não é observado a partir de uma posição nostálgica que supõe aos tempos antigos ou às gerações anteriores uma moral firme, ótimos costumes, uma conduta boa, enquanto agora não se vive senão um grande declínio. Vivemos um declínio, sim. Mas mesmo o declínio tem sua dialética. Essa moral inquestionada do passado sofreu de antemão de todos os defeitos que Nietzsche descobriu. E o “imoralismo” por ele reclamado sempre tem dois aspectos. Pode significar um estado além da moralidade e pode ser um estado aquém. Concordo que a tendência dominante é o declínio para aquém da moralidade. Mas não é um movimento unívoco. Não faltam aqueles que tendem para o oposto, como fez o próprio Nietzsche. E por isso quem só enxerga o lado do declínio subestima a dialética no desenvolvimento do processo histórico.

Questão: A dialética de avanço e declínio?

Türcke: Exatamente. Veja a microeletrônica. Será um avanço ou um declínio? Usamos seus alívios com prazer. Seria bobagem negar as conquistas que a revolução microeletrônica comportou. E é um traço distintivo da Teoria Crítica estimar conquistas históricas, que era algo óbvio na intervenção de Adorno no campo da formação. Quando falou de semiformação, ele não queria destruir a formação burguesa. O crucial no seu diagnóstico é que esta formação nunca foi o que pretendia. Foi repassada por dominação social, afetada pela independentização como um valor em si etc. Em resumo, seu declínio se devia à sua insuficiência. Não foi um movimento do suficiente para o insuficiente. Não é manter a formação burguesa enquanto tal, mas, sim, suas conquistas – não como valores em si, senão como penhores de um futuro ainda não realizado. Conquistas não são valores, mas resultados de lutas históricas. São passíveis de serem perdidas e apontam para além de si mesmas. Sempre implicam um ar de promessa.

Questão: Em sua reflexão sobre o funcionamento cerebral no livro *Filosofia do sonho*, o senhor conclui, a partir de estudos de Gerhard Roth, que determinados padrões ou estruturas pré-atentivas e precognitivas se estabeleceriam nos organismos vivos como memória processual implícita, ou seja, uma vez que se tornam “viáveis” elas persistiriam sob condições ambientais, isto é, se tornariam estáveis e, portanto, repetitivas. Por outro lado, condições internas e externas obrigam o organismo a se ajustar às mudanças, a se adaptar. Os conceitos de sedimentação e dessedimentação do sensório humano seriam metáforas para explicar esta linguagem da biologia? O senhor poderia retomar a questão sobre como a “metralhadora audiovisual” age como força parcialmente desagregadora da percepção do aparelho sensorial humano?

Türcke: Não sei se consigo responder suficientemente. Não sou neurologista. Mas, o que me impressionou no conceito de “memória processual”, que Gerhard Roth enfatizou, é a proximidade com meu entendimento da repetição. De certa maneira, repetição não é senão memória processual. Considero Roth um aliado na neurologia. Ele também intervém no discurso da formação, da educação, a partir do conceito de memória, alertando que a mudança do sistema escolar que expulsa cada vez mais a repetição da sala de aula como uma coisa inútil, que só come o tempo para se aprender novas coisas, é uma bobagem em termos neurofisiológicos. O tempo para sedimentar o recebido, o aprendido, é catastroficamente subestimado nesta nova pedagogia. Ali, a ninguém mais importa a sedimentação. O tempo próprio que o sedimento dos conteúdos cobra é cada vez mais despercebido no plano escolar, a partir das escolas básicas até a universidade. Comer, evacuar logo, mas não mais digerir a comida pela assimilação intensa da própria pessoa: eis o novo plano de nutrição mental.

O que falta em Roth é filosofia da história. Não leva em conta a história humana em ampla escala, o que é um certo defeito na teoria dele, já que ele fez doutorado também em filosofia, não apenas em biologia. Mas em primeiro lugar ele é biólogo, neurologista, e a dimensão da genealogia não tem importância para ele. Levando em conta essa dimensão, no entanto, chego a suspeitas que ele não tem – ou não se coloca da mesma maneira. A suspeita principal é que atualmente estamos correndo o risco de uma desagregação parcial da percepção do aparelho sensorial humano – como colocaram na pergunta. Vejo esse perigo, enquanto muitas pessoas o negam dizendo: “isso não vai acontecer, a percepção é um processo físico que vai permanecer”. Ignoram que o aparelho sensorial e mental é uma

conquista de milênios e não um dado natural. Vejam como a conduta perceptiva mudou sob a cobrança da revolução microeletrônica nos últimos 40 ou 50 anos. Se a aceleração continuar com a mesma velocidade nos próximos 50 anos, estaremos com uma atenção humana bem decomposta.

Questão: Na sua obra há uma tomada de posição política cujas metas podem ser consideradas como contendo momentos de negatividade dialética. Porém, ao mesmo tempo em que desdobra e desenvolve intelectualmente impulsos críticos imanentes à primeira geração da Teoria Crítica, o senhor não descuida e exorta os indivíduos a resistirem, em especial os professores. O senhor articula em seu pensamento uma dialética entre indivíduo e sociedade. Poderia nos explicitar um pouco como pensa a ideia de mudança nas formações sociais capitalistas, uma vez que, embora elas configurem o que o senhor chama de “capitalismo estético”, em suas raízes materiais elas permaneceriam as mesmas? Como pensa, neste contexto, o papel da reflexão filosófica: como ela pode contribuir para uma visão que vá além do relativismo pragmático tão em voga na cultura dita “pós-moderna”? Dada a desorientação reinante na era microeletrônica, o seu conceito de sujeito e as tarefas que ele deveria assumir como legítima defesa de seu próprio sensório não seriam exigentes demais? Seria ele, hoje, ainda capaz de se manter à altura de se defender a si próprio?

Türcke: Defender-se a si próprio é um impulso natural. Corpos animais até se defendem intrinsicamente contra suas doenças. Então, a autodefesa não vai desaparecer ao longo da história humana. Mas as formas nas quais ela se expressa mudam bastante conforme o grau cultural alcançado. Como Marx disse sobre a fome, ela é natural nos seres físicos. Mas há grande diferença entre selvagens que engolem carne crua de um animal recém abatido e um banquete refinado.

Questão: Mas as pessoas podem oblativamente conduzir-se ao próprio sacrifício. Também é um dado isso?

Türcke: Sacrifício não é natural. É o dado elementar da humanização, então da cultura. Mas a cultura começou de modo cru, não culto. E a humanidade só se torna humana na medida em que ela torna o sacrifício supérfluo. Acontece, no entanto, que sacrifício e defesa se aproximam mutuamente a ponto de indistinção, como se vê atualmente nos EUA, onde uma população se defende das classes políticas tradicionais estabelecidas ao votar em favor de um Donald Trump, o que é uma coisa paradoxal: defender-se ao sacrificar o próprio juízo racional. Essa irracionalidade tem precursores na história, mas é uma maneira de se

defender. A nosso ver, uma maneira absurda de se defender, irracional. Mas essa irracionalidade tem uma história. Não quero igualar Trump com Hitler. Isso não! Mas a reação do povo – que se debate contra a elite democrática esgotada – ao dedicar-se a um novo homem forte tem ao menos uma certa semelhança estrutural.

Questão: Um *self made man*?

Türcke: Os dois têm traços do *self made man*. Mas não quero entrar numa comparação detalhada. Ainda aposto nas estruturas democráticas dos EUA e em sua capacidade de sobreviver a Trump. O caso na Alemanha era bem diferente na época dos anos 1930.

O outro ponto nessa pergunta é o papel da reflexão filosófica, no qual de certa maneira já tocamos dizendo que a reflexão como legítima defesa não depende do sucesso. Ela pode ser considerada como impulso vital. O conceito de impulso desempenha um papel importante na *Dialética negativa* de Adorno. Ali ele figura como algo de natural que, não obstante, se debate contra a violência da natureza e suas proliferações sociais. Ele atua tanto espontânea quanto reflexivamente. Por um lado, não passando de um mero reflexo. Por outro, sendo o motor de toda e qualquer reflexão crítica, algo que não para diante de acontecimentos indignos, mesmo no caso da falta de qualquer perspectiva de sucesso.

Questão: Benjamin se referia a isso quando falava em organizar o pessimismo. Nós não temos uma visão de um estado melhor, mas enquanto esse estado permanece temos que utilizar também os meios da teoria para aperfeiçoar, talvez, a compreensão dos obstáculos.

Türcke: É uma variação disso.

Questão: Quando o senhor falou da questão dos EUA, das estruturas democráticas deles, nós pensamos no Brasil, em que recentemente houve a deposição da presidenta da república num processo no qual não foi apontado crime. E percebemos, também, as estruturas do poder do Estado etc, que se mostram coniventes com essa questão geral: abusos por parte de políticos, de juízes e também em práticas de ação policial contra pessoas. Então, em nosso país, essa garantia não nos está dada como esperança. Pelo contrário, tememos por isso. Nossas instituições não são tão sólidas como as norte-americanas nesse sentido. Não podemos contar tanto com elas. Não sei se o senhor tem conhecimento do que está acontecendo no Brasil.

Türcke: Meio superficialmente. Os detalhes não são reportados suficientemente na imprensa alemã para eu entender de veras o que está acontecendo.

Questão: Em sua estada no Brasil, o senhor já deve ter percebido que se fala muito de Trump, dos EUA, mas às vezes se obscurece que nós, brasileiros, vivemos reflexos dessa onda autoritária que é europeia também. Lá, pelo menos, nos EUA, o retrocesso foi pelas eleições; aqui no Brasil não. Na América Latina também temos processos de crescimento de uma onda conservadora, o que pode se perceber num nível internacional mais amplo, talvez incentivada pela candente questão dos refugiados. Ou seja, o individualismo se exacerbou, como quem pensa e diz: “eu tenho que preservar meu pão aqui, custe o que custar”.

Türcke: Talvez eu possa dizer o seguinte: que se vive na época microeletrônica avançada de hoje um certo tédio da democracia em escala mundial. Também na Alemanha, onde um novo partido de direita atrai muitos simpatizantes do partido da Democracia Cristã, de Angela Merkel. A meu ver, isso se deve ao fato de que o enredamento microeletrônico global se torna cada vez mais um processo autônomo que esvazia as instituições democráticas a ponto das pessoas não mais confiarem nelas. Isso se articula, por exemplo, no déficit de interesse em votar. Nas eleições do parlamento europeu, menos do que a metade da população foi votar. Mesmo na Alemanha!

Questão: Professor, no Brasil houve altos índices de abstenção nas últimas eleições, como proximamente nunca tivemos. Isso também evidencia que sua reflexão mostra a percepção superficial e o equívoco de alguns autores que consideravam que a comunicação eletrônica seria, em si mesma, um refinamento para o acesso à informação, para a interação entre as pessoas, importando para aperfeiçoar a democracia. Ouvimos muito isso. Mas, na verdade, vemos que não é bem assim. O que mais prolifera é o individualismo.

Türcke: Talvez estejamos vivendo um certo renascimento de problemas já articulados pela teoria marxiana ou marxista dos anos 1920 ou até anteriormente. A saber, o fato de que a democracia é uma conquista muito valiosa, sem dúvida, mas, por outro lado, não passa de uma forma de administração de processos sociais. Essa administração está cada vez mais dominada pela microeletrônica e pelo mercado financeiro, dois fatores estreitamente vinculados. Só na época da revolução microeletrônica, que substituiu tanta mão de obra por computadores, é que o mercado financeiro se abriu e se expandiu com velocidade exponencial ao absorver montantes daquele lucro que veio de salários não pagos.

Salário economizado: esse foi o jeito! Dos salários é que a maioria dos impostos veio. Uma subtração descomunal de impostos fez com que os Estados tivessem de endividar-se de modo inédito. Hoje em dia quase todos os Estados se acham envolvidos, entre eles os mais “ricos”. A dívida dos EUA gira em torno de 100%, a do Japão em torno de 120%. Na Alemanha, onde, nos últimos anos, a quantia dos impostos cresceu a ponto de termos um certo excedente, o ministro da fazenda orgulha-se com um “orçamento equilibrado”. Mas esse equilíbrio não muda quase nada da dívida total de 2,5 trilhões de euros que continua. Nem a Alemanha tem saída. De fato, não há saída em nenhum lugar, senão a comunidade dos Estados chegar a um consenso parecido com aquele de *Bretton Woods* de 1944, que previu um novo regulamento econômico mundial para a época pós-guerra e pós-fascista. O regulamento negociado então não era satisfatório, mas mostrou que consensos políticos abrangentes entre uma comunidade de Estados ao menos não são impossíveis. Um novo e melhor *Bretton Woods* teria que anular simplesmente a maioria das dívidas estatais diante do mercado financeiro. Soa utópico, sim, mas não é fora do possível. Não ultrapassaria o capitalismo global, mas seria um grande passo à frente, já que não há outra saída da dívida.

Questão: Salário economizado?

Türcke: Por diminuição drástica de mão de obra, enquanto a nova força produtiva dos computadores providenciou lucros inéditos. A revolução microeletrônica pôs em marcha um fenômeno que se chama *jobless growth*, crescimento sem emprego. Justamente no início dos anos 1970, quando esse novo tipo de crescimento começou, o mercado financeiro foi aberto na Bolsa de Chicago e cresceu imensamente em pouquíssimos anos ao atrair bilhões de dólares, primeiramente a partir de salários não pagos. Deste mercado financeiro é que os Estados tomam emprestado o dinheiro que lhes escapou pela diminuição de impostos salariais. Em outras palavras: tomam empréstimos em grande escala daquele mercado que lhes furtou bilhões que antes fluíram para a caixa estatal enquanto impostos salariais. Na grande crise financeira de 2008 tratava-se dos bancos comerciais, que não tiveram dinheiro, enquanto o mercado financeiro era cheio de dinheiro, cheio! E o absurdo foi que os Estados se viram forçados a tomar emprestado dinheiro deste mercado para salvar seus bancos comerciais, porque o Estado pode dar uma garantia que os bancos não têm. O Estado dispõe do pagador de impostos, enquanto os bancos só têm seus clientes.

Mas estávamos falando sobre uma tendência geral, que é a desconfiança em relação às instituições democráticas, que estão sendo minadas pelo entrelaçamento entre

mercado financeiro e microeletrônica. Torna-se novamente óbvio algo que, no fundo, é sabido há muito: as conquistas democráticas de certa maneira não passam de uma administração de processos sociais que têm seu fundamento em processos econômicos. Por isso, as teorias do discurso não logram o essencial: nem a habermasiana, que considera o discurso o fator constitutivo da sociedade, nem a foucaultiana, que até identificou o processo social com um processo de discursos. Tal supervalorização do discurso democrático enquanto valor em si desperta expectativas que uma sociedade capitalista nunca pode cumprir. Na fase da decepção, então, acontece que as pessoas culpam justamente as conquistas democráticas por tudo que corre errado. Na Alemanha, o partido AfD (Alternative für Deutschland - Alternativa para a Alemanha) pratica isso: “a imprensa é corrupta, os partidos são corruptos, não confie neles, nós é que representamos os verdadeiros desejos do povo, nós é que somos a voz do povo...” Esse novo populismo faz questão de saber a vontade verdadeira do povo, e em seu nome fomenta-se novos líderes do tipo homem forte e estruturas autocráticas ou até ditatoriais. Mas não tenho competência de avaliar em que medida a situação brasileira se desenvolve de modo semelhante.

Questão: Já houve momentos assim. Isso seria uma espécie de retorno do recalado?

Türcke: Receio que sim. A primeira geração da Teoria Crítica em torno de Horkheimer já pensava assim – por isso sua atualidade contínua. Eles apreciaram muito as conquistas da democracia, muito mais do que o próprio Marx. Por isso não eram meros marxistas. Mas, nunca atribuíram à democracia um valor em si mesmo. Mais uma vez deparamos com algo já discutido: eles optaram pelos conceitos da conquista e do penhor em vez do valor em si. Não trataram “valor” senão de modo crítico: como valor de uso, de troca etc, enquanto Habermas, por exemplo, reclamou como valor básico democrático o patriotismo da Constituição: “Temos que valorizar a Constituição como a verdadeira pátria!...” E agora a nova crise da democracia mostra que ninguém é capaz de sentir-se em casa numa textura constitucional. Claro que uma Constituição é importantíssima para assegurar a pátria. Mas não pode *ser* a pátria, tampouco como a moldura é o próprio quadro.

Questão: Em *Hiperativos* o senhor propõe um processo de formação denominado “estudo de ritual”, que no interior de sua crítica à “cultura do déficit de atenção” – ou à falta de cultura – visa colocar um freio de retenção aos choques eletrônicos que promovem a “distração concentrada”. Com isso o senhor visa um espaço de resistência ou

de retenção que salvasse a autorreflexividade crítica do sensório humano. A sua tese, tanto na parte analítica quanto na propositiva, nos lembrou da busca da *ataraxia* em Epicuro, que quis livrar os homens do tormento das potências míticas em favor do livre princípio da tranquilidade da alma ou da autoconsciência humana. O seu diagnóstico, contudo, detecta hoje algo bem mais grave, que não só perdurou como se amplificou, o que de certo modo determina a dificuldade maior e a presunção menor do seu remédio. Que pressupostos (por exemplo: histórico-genealógicos, de crítica imanente, teológicos ou outros...) lhe levaram a chamar a sua proposta justamente de “estudo de ritual”? Independente dos detalhes práticos do seu projeto, que o senhor expõe no livro e em outros lugares, o que significa, o que está metodológica e teoricamente implícito nesse nome?

Türcke: Obviamente a valorização do ritual vem da minha teoria da origem da humanidade. Ali o ritual de sacrifício é um fato essencial, sem dúvida. Por outro lado, deixo claro que o ritual não é um valor em si mesmo, nem, igualmente, a disciplina. Disciplina é indispensável, mas nunca boa em si. A mesma coisa com o ritual. Há rituais horríveis e há rituais que possibilitam coisas muito prometedoras. É necessário distinguir entre ritual e ritual. Por outro lado, o ritual não é um mero instrumento ou mero método. Na cultura do déficit de atenção que tende a des sedimentar e desagregar o comportamento humano, o ritual pode cumprir o papel de um freio. E, como colocaram na pergunta, pode formar um espaço de resistência também. Esse espaço, no entanto, é outra coisa do que a *ataraxia* de Epicuro. Achei muito interessante esta sua associação, que eu mesmo nunca tive. Mas, em Epicuro, a *ataraxia* é um estado final, um valor em si: “Eu, como filósofo, chego à *ataraxia*, mesmo que as catástrofes mais graves aconteçam na minha vizinhança. Não importa o que ocorre ao meu redor. Nada mais me toca, nada mais me perturba, basta ao menos eu chegar a um estado de sossego profundo que me permite aguentar tudo”. Tal individualismo e desatenção ao ambiente difere muito da minha ideia do ritual. Não nego que há um ponto de identidade, ou ao menos de semelhança, entre a *ataraxia* e o ritual que é o fato da tranquilização. Mas, no caso do ritual, a tranquilização não acontece para, afinal das contas, ser tranquilo; mas, pelo contrário, para ganhar um espaço onde forças comunitárias e críticas podem se restituir e refortalecer, onde se gera empatia social, que simplesmente falta na *ataraxia* de Epicuro. Então, a sua comparação é interessante e acerta um ponto, mas vejo predominar a diferença.

Questão: Professor, quando nos ocorreu esta pergunta pensamos que Epicuro fala que os deuses não se preocupam conosco e então podemos nos tornar seres *ataráxicos*,

mas no seu caso o senhor não está dizendo que a realidade se tornou inofensiva para nós, mas, muito pelo contrário, que ela é violentamente ofensiva e que, portanto, esta retenção que o senhor propõe é uma retenção enquanto resistência frente a uma figura histórica que se coloca para nós e que não está nem um pouco despreocupada conosco, como Epicuro fala em relação à despreocupação dos deuses.

Türcke: Como os deuses não se preocupam conosco, o filósofo não mais se preocupa com a sociedade ao seu redor. Eis a lógica desta *ataraxia*.

Questão: Uma vez colocadas tantas perguntas – e pedimos desculpas caso o senhor já as tenha recebido mais de uma vez –, poderia ainda nos dizer uma das questões que faz para si mesmo, uma de suas inquietações, que permanece enquanto resto em seu pensamento e que gostaria de ver solucionada?

Türcke: Permanecem muitas inquietações. Uma das mais urgentes para mim é a situação da educação e da formação escolar. Dediquei dois livros a esse assunto e continuo intervindo por artigos, entrevistas e palestras. O último livro a respeito chama-se *Crepúsculo dos professores: o que a nova cultura de aprendizagem faz nas escolas*¹⁰ e declara indispensável o modelo vivo do professor como figura paterna-materna e o processo psíquico de transferência e contratransferência no ensino. São fatores que não podem ser substituídos por *e-learning* e autocontrole dos alunos. A degradação dos professores de escola a apêndices de uma maquinaria didática é fatal. Não libera o ensino, mas o transforma num projeto neoliberal. Apoiar os professores, animá-los, encorajá-los para uma nova autoconfiança na sua indispensabilidade: também isso pertence às tarefas da Teoria Crítica.

Questão: É uma Teoria Crítica que está preocupada com a práxis transformadora, com a urgência do momento.

Türcke: Isso.

Pergunta: Agradecemos a sua generosidade, professor. O senhor falou com tanta dedicação, com tanto esmero frente às questões que levantamos e que nos esforçamos para lhe fazer com algum cabimento. Então queremos agradecer seu empenho, sua disponibilidade, e a maneira que o senhor respondeu, com tanto interesse. Muito obrigado!

Türcke: Sempre que sinto o interesse dos outros me sinto também muito animado e também quero dizer que aproveito muito dos encontros deste tipo.

¹⁰ Idem. **Lehrerdämmerung:** Was die neue Lernkultur in den Schulen anrichtet. München: C. H. Beck, 2016.

Referências bibliográficas

TÜRCKE, Christoph. **Filosofia do sonho**. Trad. Paulo Rudi Schneider. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

_____. **Hiperativos!** Abaixo a cultura do déficit de atenção. Trad. José Pedro Antunes. Rev. Eduardo Guerreiro B. Losso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. **Lehrerdämmerung:** Was die neue Lernkultur in den Schulen anrichtet. München: C. H. Beck, 2016.

_____. **Mehr!** Philosophie des Geldes. München: C. H. Beck, 2015.

_____. **O louco:** Nietzsche e a mania da razão. Trad. Antônio Celiomar Pinto de Lima. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Sociedade excitada:** filosofia da sensação. Trad. Antonio A. S. Zuin, Fabio A Durão, Francisco C. Fontanella, Mario Frungillo. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

_____. **Vom Kainszeichen zum genetischen Code:** Kritische Theorie der Schrift. München: C. H. Beck, 2005.